

É evidente que um sistema numeral, com base de seis, não pode ter sua origem em influência missionária ou outra de civilizados, pois estes sempre teriam ensinado um sistema decimal. Conhecem-se várias tentativas neste sentido (5). Também a influência de grupos indígenas não-guaranis pode ser afastada, na opinião do autor. Parece antes tratar-se de um sistema de numeração, inventado por um gênio, em alguma época de vida independente da tribo e comunicado aos mais entendidos, tendo sido retransmitidos através daqueles que tinham capacidade de utilizá-lo.

A dificuldade de lidar com números, entre os nossos índios, é geralmente notada e persiste. Professoras que ensinam crianças no Pôsto Indígena Francisco Horta sempre se referem a este fato. São por demais conhecidas as experiências de Karl von den Steinen (6), neste terreno. Mas isto não exclui que entre muitos se encontrem alguns com melhor desenvolvimento da habilidade de calcular.

A etimologia provável dos números até quatro encontra-se no Vocabulário de Baptista Caetano (7). O numeral *tenerõ* "cinco" tem parentesco com uma locução já relacionada por Montoya, embora aparentemente não tenha sido derivada desta. Encontramos, neste autor (8), *irundy hae nirui*, isto é, "quatro mais o isolado (o dedão)". *Tenerõ* é o resultado de uma combinação de *ty* (segunda parte de *irundy*) mais *nirui*, isto é, "o isolado da multidão". Para *teiova* "seis" a etimologia foi dada espontaneamente ao investigador, tal como tinha acontecido com *oikori*: alguns informantes, em vez de pronunciar *teiova*, falavam uma forma mais completa *petei-ova* "um em frente", ou seja o primeiro dedo da outra mão.

A posse do sistema numeral exposto está dentro das possibilidades mentais dos Kaiova e condizente com a sua rica cultura espiritual e outrora bem desenvolvida cultura material. O autor espera que novas investigações possam confirmá-lo.

DUAS EDIÇÕES RARAS DA COLEÇÃO IAN DE ALMEIDA PRADO — I.E.B.

R. E. Horch

FRANCANZANO DA MONTALBODDO.

Paesi nouamente ritrouati per la nauigatione di Spagna in Calicut. Et da Albertutio Vessputio Fiorentino intitulado Mondo Nouo: Nouamente impressa. |Uma estampa representando a cidade de Veneza.|

{Colofão:} Stampata in Venetia per Zorzi de Rusconi millanese Nel. M.cccccc. xyii. adixyiii. Agosto.

124 f. inum., texto em 2 colunas.

16,5 cms.

Encadernação inteira de pergaminho.

(5) Cf. p. ex. três artigos no Boletín de Filología, tomo VI (Montevideu, 1950).

(6) Steinen (Karl von den) Entre os Aborígenes do Brasil Central (São Paulo, 1940). V. o capítulo XV: A Arte de Contar dos Bakairi e a origem do 2. (A edição original da obra é de 1893).

(7) Baptista Caetano, Vocabulário das Palavras Guaranis usadas pelo Tradutor da «Conquista Espiritual do Padre A. Ruiz de Montoya, Anais da Biblioteca Nacional, vol. VII (Rio de Janeiro 1878), pp. 371/372.

(8) Montoya (P. Antonio Ruiz de), Arte de la Lengua Guaraní (o mas bien Tupí), (Viena, Paris, 1876), p. 7. (A primeira edição da Arte é de 1640).

ARTE
DE
GRAMMATICA
DA LINGUA
BRASILICA,

*Do P. Luis Figueira, Theologo da
Companhia de JESUS.*

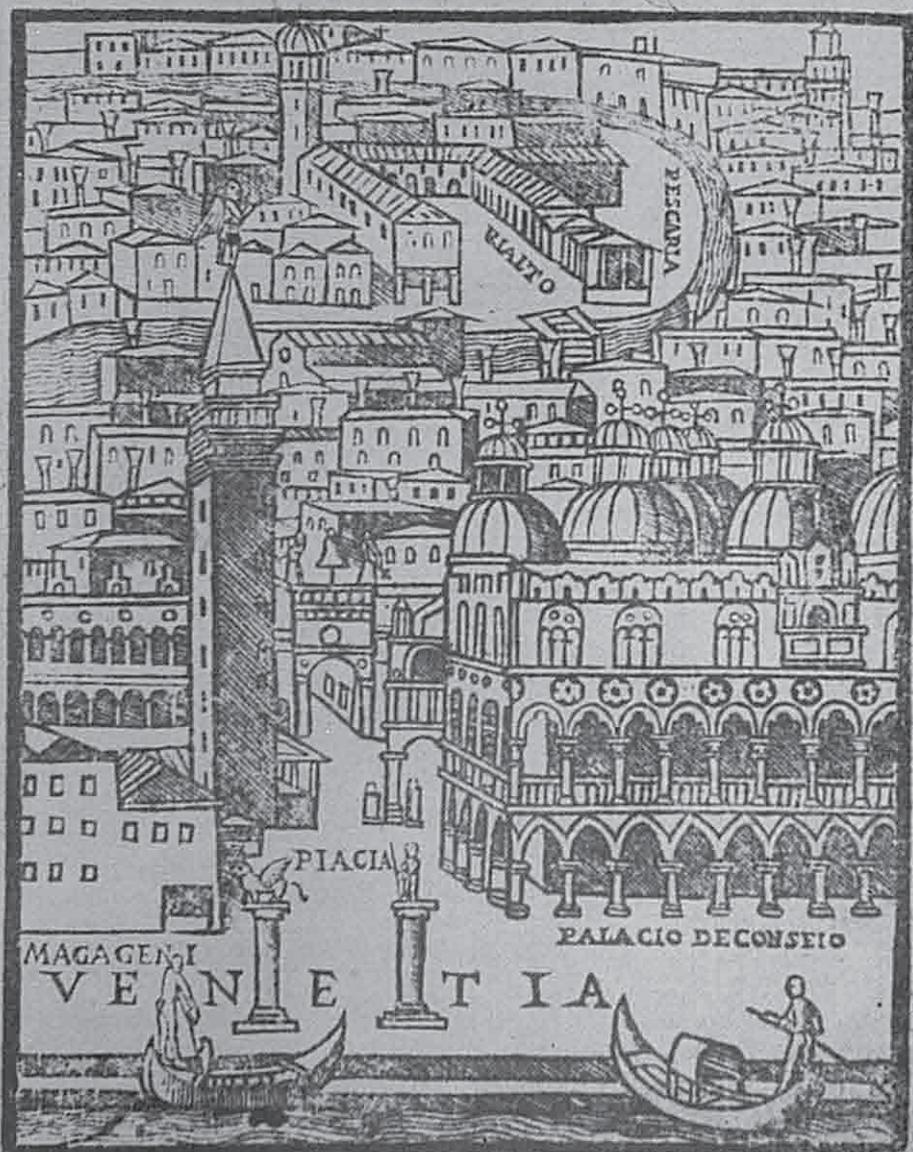


LISBOA.

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Na Rua da Figueira. Anno 1687.

Com todas as licenças necessarias.

**Paesi nouamente ritrouati per
la Nauigatione di Spagna in Calicut. Et da Alber
tutio Vesputio Fiorentino intitulado Mon
do Nouo : Nouamente Impressa.**



É um dos livros mais antigos da biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros. Coleção de viagens, uma das primeiras que saíram, foi inicialmente publicada em Vicenza, 1507, ano de que datam duas edições, uma com 142 e a outra com 143 capítulos —, depois temos as edições de Milão impressas em 1508, 1512 e 1519 e as de Veneza do ano de 1517 e 1521. Foi traduzida para o latim por Archangelo Madrignano em 1508. No mesmo ano saíram também as traduções em alemão e "Plattddeutsch". A primeira edição francesa, cuja tradução é de Mathurin de Redouver, saiu em 1516 tendo várias reedições.

A vista de Veneza, também na edição de 1521, foi reproduzida em outras obras do século XVI, e não tem relação alguma com o texto da obra.

A primeira linha do título é em caracteres góticos e impressa em preto, assim como a estampa, as outras linhas do título foram impressas em vermelho e em caracteres romanos.

A obra acha-se dividida em 6 livros e subdividida em 142 capítulos, que contêm o seguinte:

- o primeiro livro — as viagens de Cadamosto ao Cabo Verde e ao Senegal (Cap. I — xlyii.);
- o segundo — a viagem de Pedro de Cintra ao Senegal feita em 1462 e escrita por Cadamosto; a primeira viagem de Vasco da Gama (8 de julho de 1497 a 10 de julho de 1500) e a primeira viagem de Pedro Alvares Cabral (9 de março de 1500 a 10 de julho de 1501) (Cap. xlyiii. — lxx.);
- o terceiro — continuação da viagem de Cabral (cap. lxxi. — lxxxiii.);
- o quarto — contém as três primeiras viagens de Cristovão Colombo, as viagens de Alonso Negro e Pinzon (cap. lxxxiii. — cxiii.);
- o quinto — refere-se à terceira viagem de Vespucci, publicada na edição de 1507 pela primeira vez em italiano (cap. cxiiii. — cxviii.);
- o sexto e último livro — é constituído de: carta do correspondente português D. Cretico a Domenico Pizani e por este enviada à república de Veneza, relativa à viagem de Cabral; — carta relativa ao tratado concluído entre o rei de Portugal e o de Calcutá; — carta do embaixador de Veneza em Portugal P. Pasquaglia, referindo-se à primeira viagem de Gaspar Cortereal; — carta de Francisco de la Saita a Pasquaglia referente à expedição de João da Nova às Índias Orientais; — relação do índio José (trazido por Cabral a Portugal); — descrição de Carangonor e Calicut; — carta do rei de Portugal ao papa Júlio II, relativa às descobertas e navegações portuguesas na Ásia.

Escreve José Carlos Rodrigues em sua "Bibliotheca Brasiliense" (n.º 1680) a respeito da primeira edição que possuía e que hoje se encontra no acervo valioso da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — Seção de Livros Raros, com extenso comentário, do qual destacamos algumas passagens:

"É este um dos livros mais raros e mais essenciais numa Bibl. Amer. Foi positivamente a primeira vez que se imprimiu a narração da viagem de Pedro Alvares Cabral ao Brasil, não contando a ligeira referência ao fato na carta de D. Manoel ao Rei de Espanha. É a segunda das mais

antigas coleções de viagens, que serviu de tipo às de Gryneu e de tantos outros que lhe sucederam até o século XVII. HARRISSE, n. 48. diz que ela é uma 'rarissime work', e Humboldt cita o fato que Camus, escrevendo sobre as coleções de viagem, não conseguiu achar em Paris um só exemplar desta primeira edição. Até hoje diz ainda HARRISSE, 'serve, no repertório latino de Gryneu, de fidedigna e interessante fonte de informações'.

"Fracanzio de Montalboddo, o compilador, era professor de literatura em Vincenzia, e notável pelo seu saber, sendo até decantado em versos de poetas célebres...

"O compilador dedica a sua obra a Giovanni Degli Angiolelli, que foi um grande viajante, guerreiro e autor das vidas de Mahomet II e de um Rei da Pérsia; e a dedicatória ocupa o v. da 6.^a fl. preliminar. | em nosso exemplar é o v. da 4.^a fl. preliminar. | e aí lastima que estas viagens sejam no rude Italiano e Português e não no 'pingue e florido estilo latino'. ..."

Terminamos aqui esta descrição de uma das obras mais interessantes referentes à história do Brasil, com as palavras de José Carlos Rodrigues, que nos diz a seu respeito: "Não é uma jóia o livro, mas uma constelação de jóias."

Arte de grammatica da lingua brasilica, Do P. Luis Figueira, Teólogo da Companhia de Jesus. Lisboa. Na Oficina de Miguel Deslandes, na Rua da Figueira, ano 1687. Com todas as licenças necessários.

4 fol. preliminar., 167 p. 14,5 cm.

Encadernação inteira de couro grenat com frisos dourados feita por Randeynes.

É a segunda edição, que foi editada por João Filipe Bettendorff e da qual, segundo o sr. Rubens Borba de Moraes, são conhecidos apenas 12 exemplares, estando entre eles os pertencentes a José Carlos Rodrigues (n.º 1001), hoje na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o da biblioteca de Oliveira Lima em Washington, o que bem atesta a raridade de nosso exemplar. (Bibliographia Brasiliana, t I, p. 263).

Segundo Plínio Ayrosa é a "mais fidedigna das edições feitas até hoje." Contudo, falando da primeira edição o mesmo autor escreve: "apresenta o mesmo defeito de se moldar inteiramente pelas gramáticas latinas, desfigurado, às vezes, o aspecto característico da língua ameríndia. Sem dúvida, porém, é das melhores dentre as poucas que legaram os jesuítas do período da catequese e, sobretudo, documento insofismável da generalidade do uso da língua tupi-guarani por toda costa do Brasil, e por largas regiões do interior."... (Ayrosa, pp. 217 e 218).

A primeira edição é a de 1621 com o título de "Arte da lingua brasilica". Como se pode ver pela segunda edição, o título foi ligeiramente alterado. Desta primeira edição a biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros possui um fac-símile fotocopiado especialmente para o então possuidor João Fernando de Almeida Prado, pois o único exemplar até hoje conhecido encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Luis Figueira nasceu cerca de 1575 em Almodóvar. Tendo entrado para a Companhia de Jesus em 1592, embarcou para o Brasil em 1602. Foi Mestre de Gramática e dos Noviços entre outros cargos. Faleceu a 3 de julho de 1643.

assassinado pelo índios Aruãs da ilha de Marajó. (Ser. Leite, *Hist. da Comp. de Jesus*, t. VIII, pp. 234/240.)

Segundo Couto de Magalhães, "Luís Figueira não conheceu tão profundamente a língua quanto o P. Montoya; contudo na gramática propriamente dita, isto é, na filosofia da língua, parece-me que lhe é superior."

